



Ainda o tupinipunk, muitos anos depois...

Still Tupinipunk, Many Years Later...

Roberto de Sousa Causo¹

O Dr. Alfredo Suppia, nosso editor, achou por bem disponibilizar aos leitores da *Zanzalá* os meus textos originais sobre a corrente de ficção científica brasileira que chamei de tupinipunk: “Tupinipunk – Cyberpunk Brasileiro”, apareceu no fanzine crítico *Papêra Uirandê Especial 1: O Retorno*, em agosto de 1996; enquanto “O Estado da Arte: Ficção Científica Tupinipunk” apareceu em *Papêra Uirandê Especial 1: Tupinipunk no Século XXI*, em outubro de 2015. Eles são reproduzidos diretamente das páginas do fanzine, e do leitor se solicita o perdão pelo amadorismo da diagramação, e eventuais erros gramaticais.

O primeiro texto apresentou o argumento em favor da existência desse subgênero tão brasileiro. Em meados da década de 1990, fanzines (*fan magazines*) ainda eram o meio dominante de interlocução dentro da comunidade brasileira de FC, logo a ser substituído pelas listas de distribuição de mensagens na Internet e pelos *weblogs*. Alguns fanzines centrais foram *Hiperespaço* (lançado em 1983), *Somnium* (1986) e *Megalon* (1987), os dois últimos com forte conteúdo de crítica e debate.

De modo semelhante, a transição de uma crítica de fã para a crítica acadêmica mal havia começado. Era a “época em que a pesquisa de ficção científica era só mato”, na expressão do pesquisador atual Edgar Smaniotto. Os principais pesquisadores fãs eram bibliógrafos como R. C. Nascimento e Ruby Felisbino Medeiros, e o ciclo local de livros introdutórios (1985 a 1987, com

¹ Escritor e editor. Doutor em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade de São Paulo. Blog: <https://rscauso.tripod.com/>.

obras de Braulio Tavares, Raul Fiker, Gilberto Schoereder e Léo Godoy Otero) completava uma década. Eu mesmo ainda cursava a graduação em Letras na FFLCH/USP.

Relendo esse material hoje, vejo que excluí apenas um item do *corpus* inicial, o conto de André Carneiro “Life as an Ant” (1986), cujas disparidades estilísticas e programáticas foram me parecendo mais significativas do que as suas semelhanças. A comparação com obras estrangeiras perdeu interesse – ao menos até a publicação do romance *Brasyl* (2007), do britânico Ian McDonald. Finalmente, minhas ressalvas iniciais quanto ao tupinipunk foram enfraquecidas pelo componente de crítica pós-colonial encontrado nele por M. Elizabeth Ginway, no recomendado estudo *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro* (2004). Ginway contribuiu mais do que qualquer outra pessoa para a difusão do tupinipunk como conceito, e acrescentou ao seu *corpus* o romance de João Almino, *Samba Enredo* (1994).

O segundo texto registra minha perplexidade perante a sobrevida do tupinipunk até o século XXI, algo que possivelmente atesta a sua identificação com a inabalável cultura modernista do país, cujo marco mais celebrado completa 100 anos agora em 2022. Seleciono o escritor Luiz Bras (pseudônimo de Nelson de Oliveira) como um novo ponto de inflexão do subgênero, reposicionado dentro da aproximação programática da FC com a alta literatura brasileira – proposta de Bras firmada por ele no ensaio “Convite ao Mainstream” (2009), e uma das posturas centrais para a Terceira Onda da FC Brasileira (2004 ao presente). Seu notável romance de 2014 *Distrito Federal*, e o mais recente *Até que a Brisa da Manhã Necrose teu Sistema* (2021), de Ricardo Celestino (em provável resposta a esse convite), sugerem um processo de desconstrução do estilo multirreferencial, “cubista” tupinipunk como prosa poética e embaralhamento dos segmentos narrativos.

O tupinipunk se renova com esse desenvolvimento original e não antecipado, e com um conteúdo de condenação política mais incisivo e menos conciliador.